

Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa  
Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires  
Ivan Gomes Pereira  
Organizadores

# Ifap-10 anos

DE TRAJETÓRIA, DESAFIOS, PROGRESSO CIENTÍFICO,  
TECNOLÓGICO E EDUCACIONAL NO AMAPÁ



# IFAP - 10 ANOS DE TRAJETÓRIA, DESAFIOS, PROGRESSO CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO E EDUCACIONAL NO AMAPÁ

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. Os artigos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião da Editora do Instituto Federal do Amapá. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. A revisão textual, formatação e adequação às Normas ABNT são de responsabilidade dos autores.

## Diagramação e Projeto Gráfico

Ivan Gomes Pereira

## Capa

André Lima Martins

## Fotos ilustradas

Alunos e servidores do Ifap em atividades reais

## Equipe Técnica Editorial

Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa

Editora Chefa

Romaro Antonio Silva

Editor adjunto

Luiz Ricardo Fernandes Farias Aires

Editor adjunto

Ivan Gomes Pereira

Diagramador

Segebi  
Seção de  
Gerenciamento  
de Biblioteca



**INSTITUTO FEDERAL**  
Amapá

Campus  
Macapá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

370  
I23i

IFAP – 10 anos de trajetória, desafios, progresso científico, tecnológico e educacional no Amapá / Flávia Karolina Lima Duarte Barbosa, Luiz Ricardo Fernandes de Farias Aires, Ivan Gomes Pereira (orgs.). – Macapá: EDIFAP, 2021.  
344 p. : il.

ISBN 978-65-89513-11-7 (impresso)  
978-65-89513-12-4 (digital)

1. IFAP - trajetória. 2. IFAP - progresso científico. 3. Educação tecnológica. I. Barbosa, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). II. Aires, Luiz Ricardo Fernandes de Farias (org.). III. Pereira, Ivan Gomes (org.). IV. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Suzana Cardoso, CRB 1.142, com dados fornecidos pela Editora do IFAP.



# CAPÍTULO 1

**O USO DE METODOLOGIAS  
ATIVAS NO ENSINO DE  
LÍNGUA INGLESA NO IFAP:  
A CONSTRUÇÃO DE  
MUSEU CULTURAL**



# O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO IFAP: A CONSTRUÇÃO DE MUSEU CULTURAL

Aldina Tatiana Silva Pereira

Marlon Dias de Souza

Iveline Silva dos Santos

## **Introdução**

No Brasil, a Língua Inglesa é disciplina obrigatória na matriz curricular do ensino fundamental e médio, devido seu status de língua global associado ao poder econômico, político e militar dos Estados Unidos da América – EUA. Para Fonseca (2016), a língua inglesa ocupa um lugar de prestígio e hegemonia na educação básica, por evidência, já nos vestibulares, encontra-se a presença dela nas provas como, por exemplo, o

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e sua necessidade contínua em todos os níveis de escolaridade.

O estado do Amapá, localizado em área privilegiada, na divisa da linha do Equador (meio do mundo), tem forte presença de multinacionais na região, além de grande proximidade com a Guiana Francesa e as ilhas caribenhas. Nesse sentido, a aprendizagem de línguas estrangeiras é de suma importância para que os alunos do ensino médio deste ambiente geográfico possam operar relações sociais, culturais e comerciais com os usuários de outras línguas, especialmente a inglesa.

Durante o evento de “Mostra de língua, artes e literatura”, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Amapá - Campus Porto Grande, os discentes do curso técnico em agropecuária tiveram a oportunidade de potencializar suas habilidades comunicativas através de projeto cultural desenvolvido nas aulas de língua inglesa.

Trabalhar cultura requer seriedade, respeito à diversidade e ao novo, sendo, pois pertinente a utilização das Metodologias ativas, que de acordo com Borges e Alencar (2014), são como formas de desenvolver o processo do aprender que os professores utilizam no âmbito escolar ou acadêmico, na busca de conduzir a formação crítica de seus alunos.

Para Hall (2003, p.43.), a cultura é uma produção, não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. E Kramsch (1998, p.3) aponta que a língua é o principal meio pelo qual conduzimos nossas vidas sociais, quando utilizada em contextos de comunicação, está vinculada à cultura de

múltiplas e complexas formas: atitudes, crenças, pontos de vista, que também são os de outros. A língua expressa a realidade cultural.

A sala de aula de língua inglesa tem que possibilitar ao aluno atividades que o façam pensar, ser e agir, nos mais diversos contextos que exijam o conhecimento da língua alvo, seja no uso de tecnologias, no contato com nativos, na leitura instrumental de um artigo da sua área de formação ou mesmo para que acessem outras culturas, informações e hobbies.

Por esta razão, esta pesquisa traz como objeto de problematização o seguinte questionamento: o ensino de cultura através de metodologias ativas pode contribuir para melhorar as habilidades na língua inglesa? Para responder a essa pergunta, tem-se como objetivo geral investigar a eficácia da utilização de metodologias ativas em aulas de língua inglesa para aquisição da língua-alvo.

## **A cultura inglesa e o ensino de língua inglesa no Brasil**

A presença da língua inglesa no Brasil, dá-se desde os tempos antigos com a fuga da corte portuguesa, no século XIX, apoiada pela Inglaterra, dando início ao poder econômico e a grande influência inglesa no país. Para Chaves (2004), “É muito provável que os primeiros professores de inglês tenham surgido nesse momento”, no entanto, o ensino formal da língua inglesa, e francesa, foi oficializado no decreto de 22 de junho de 1809 e,

em 09 de setembro do mesmo ano foi nomeado como professor de inglês, o padre irlandês Jean Joyce. Segue o texto do decreto:

E sendo outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade do estado, para aumento e prosperidade da instituição pública que se crie na corte uma cadeira de língua francesa e língua inglesa (MOACYR, 1936, p.61).

Nessa época, o domínio do inglês era fundamental, devido à comunicação e às transações comerciais e políticas com outros impérios. E, por conseguinte, trocas culturais também eram estabelecidas, uma vez que como afirma Tomalin (2008), a linguagem e a cultura, nesse sentido, são duas entidades inseparáveis. Já na percepção de Thomas (1983), as relações são exemplos de comunicação intercultural, pois trata-se de uma elocução produzida por um falante de uma comunidade de fala que é processada por um destinatário de outra comunidade.

De acordo com Lima e Quevedo-Camargo (2008), o ensino da língua sempre se manteve forte e presente no país apesar das frequentes mudanças nos documentos oficiais. A língua inglesa, por exemplo, que já vinha sendo requisito em pós-graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado, tornou-se, recentemente, obrigatória a partir do sexto ano do ensino fundamental e no ensino médio, conforme modificações trazidas pela

Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, na LDB 9394/1996. Todavia, essas alterações nas leis, embora considerem a finalidade do ensino, raramente são acompanhadas por estratégias que resolvam as dificuldades que emergem no processo.

O ensino de LE (especialmente inglês) é bastante restrito a áreas de competência linguística, ou seja, gramática, na maioria dos casos. Desta forma, profissionais de negócios, altamente inclinados a se envolverem em interações interculturais, não têm treinamento em habilidades discursivas que provavelmente facilitarão suas vidas profissionais (GARCEZ, 1993, p. 116).

Segundo Liddicoat et. al (2003), cultura está relacionada com o que as pessoas produzem ou criam, sejam seus artefatos ou instituições, somado ao complexo sistema de “conceitos, atitudes, valores, crenças, convenções, comportamentos, práticas, rituais e estilo de vida”. A cultura estadunidense é muito disseminada no mundo, devido ao grande poder político, econômico e militar, que fizeram dos EUA uma superpotência, sua influência no mundo se dá de várias maneiras e aspectos – música, cinema, tecnologia, turismo, pesquisa, comércio, entre outros.

Sem dúvida, o entretenimento é o principal meio difusor da cultura norte-americana no país. As datas comemorativas como o *Halloween* (Dia das Bruxas), no qual jovens e adultos se fantasiam e saem para festas ou o *Valentine's Day* (Dia dos

enamorados), que celebra a o amor e o laço de amizade; a forte presença das músicas e de alimentos industrializados e *fast food* (comidas, em geral lanche, preparadas com rapidez) e os filmes e séries, são meios pelos quais os brasileiros presenciaram o modo de vida americano, a maneira de se comportar, de vestir e falar.

No mercado de trabalho, a língua inglesa é adotada como língua oficial para negociações entre diferentes países, pois, estabelece uma rede de contato entre os profissionais, inclusive não nativos. Além disso, o domínio da língua inglesa facilita o uso de tecnologias, maximiza o acesso a informações mais atualizadas e é fundamental para a recepção e comunicação com turistas, cuja presença é cada vez mais frequente em nosso território.

Por este motivo, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) legitima o inglês como língua franca, ou seja, uma língua que é usada nos mais variados contextos por falantes de diferentes línguas maternas, e propõe em seu novo esquema curricular a inclusão da dimensão cultural como habilidade a ser trabalhada, com esse conhecimento, todos os jovens e crianças podem exercer a cidadania e ampliar suas possibilidades de interação nos mais diversos contextos.

### **A realidade da língua estrangeira no Amapá**

O Estado do Amapá, localizado no norte do país, faz fronteira com o Suriname, a Guiana Francesa e o Oceano Atlântico, além disso, a floresta amazônica abrange uma grande

parte da sua área e o rio Oiapoque faz parte da sua fronteira a norte. Na região, há forte presença multinacional como, por exemplo: a Amapá Florestal e Celulose S.A – AMCEL, empresa responsável por processar e exportar cavacos de eucalipto, é controlada pelas multinacionais *Nippon Paper Industries* e *Nippon Yusen Kaisha* – NYK.

O trabalho da AMCEL abrange sete municípios: Santana, Macapá, Porto Grande, Ferreira Gomes, Itaúbal do Pírim, Tartarugalzinho e Amapá; a Assaí atacadista, inaugurada no ano de 2019 em Macapá, pertence ao Grupo Pão de Açúcar – GPA, que, por sua vez, é controlada pelo grupo francês Casino. O município de Pedra Branca do Amapari conta com a atuação das mineradoras *Great Panther Mining Limited*, empresa canadense, e *Beandell Resources*, australiana; a Ferreira Gomes Energia, em Ferreira Gomes, é responsável pela Usina Hidrelétrica do município, e é controlada pela Alupar, que atua no Brasil, na Colômbia e no Peru.

O Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque está localizado, predominantemente, na região noroeste do Estado, e envolve o município de Pedra Branca, Serra do Navio, Laranjal do Jari, Oiapoque e Calçoene. É a maior área protegida do mundo em floresta tropical e possui uma área de 3.867.000 hectares. O parque faz fronteira com a Guiana Francesa e Suriname, é o único parque nacional com contato direto com a União Europeia, na Amazônia (IRVING, 2007).

O parque assegura a preservação de recursos naturais e da diversidade biológica, desenvolve atividades educativas,

recreativas e turismo ecológico, além de proporcionar a realização de pesquisas científicas, possibilitando que muitos pesquisadores explorem a região, em escala nacional e até mesmo mundial.

Outro fator importante para o Amapá é sua proximidade geográfica com as Ilhas Caribenhas e a Guiana Francesa, motivo pelo qual Farias (2000) compreende que o litoral do Amapá deveria ser considerado caribenho. Já a Guiana Francesa faz fronteira com o Amapá através do Oiapoque, que é muito próximo de *Saint-George*, ou conhecido no Brasil como São Jorge. Para Silva (2005) o Oiapoque tem sido importante no processo de relações internacionais na fronteira, acionado principalmente pela presença de turistas franceses, transações comerciais e pelas ações de cooperação entre os governos do Brasil e da França.

Com todos esses fortes fatores, o ensino de línguas estrangeiras no Estado do Amapá é imprescindível, não só do inglês, mas também do francês, visto que essa proximidade com a Guiana proporciona o fluxo turístico, além de migrações populacionais.

Acerca da escolha da língua estrangeira, os PCNs (1998, p. 40) afirmam que “há de se considerar as necessidades linguísticas da sociedade e suas prioridades econômicas, quanto a opções de línguas de significado econômico e geopolítico em um determinado momento histórico”, por isso, no Amapá, a escolha da Língua Francesa é justificada pela fronteira, bem como o espanhol, que também tem sua posição de importância devido ao Mercado Comum do Sul – MERCOSUL, em outros estados brasileiros.

É inegável que a língua inglesa é importante, no entanto, veja que os PCNs (1998, p. 39). apontam para a reflexão do

contradiscurso em relação às desigualdades entre países e grupos sociais, de modo que através dessa consciência crítica o indivíduo passe de mero consumidor passivo de cultura e de conhecimento para criador ativo, agindo no mundo para transformá-lo e para diminuir o *status quo* instituído por discursos totalizantes de reprodução social e cultural, o que nos leva a perceber as peculiaridades de cada região, valorizar a nossa própria cultura e respeitar as culturas estrangeiras e compreender as interrelações.

### **Metodologias ativas no ensino da língua inglesa**

Levando em consideração às metodologias utilizadas no ensino de Língua Inglesa, desde o Método Direto até as novas concepções da Abordagem Comunicativa, percebe-se que os educadores vêm se adaptando para melhor atender as necessidades do processo de ensino e aprendizagem e têm sido influenciados pelos pensamentos de Paulo Freire, que buscam sempre uma nova perspectiva.

Segundo Freire (2016), o modelo educacional até então denominado de “bancário”, ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, desassociava qualquer tipo de contexto, dessa maneira ele buscou desenvolver uma educação libertadora que fizesse com que o estudante correlacionasse o que via em sala ao seu cotidiano, possibilitando assim a autonomia e o real conhecimento.

Embora o termo “Metodologias Ativas” não tenha sido utilizado por Freire, o conceito surge em meio as suas observações, quando afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2019, p. 24), ou seja, o ensino deve ser voltado para incitar a autonomia do aluno diante do seu processo de aprendizagem.

As Metodologias Ativas surgem nesse contexto, fazendo parte desse processo educacional inovador que, através de muitas práticas didáticas, vêm sendo implantadas nas salas de aula. De acordo com Bacich e Moran (2018, p. 76) “As metodologias ativas constituem alternativas pedagógicas que colocam o foco do processo de ensino e de aprendizagem no aprendiz”, isto é, um conjunto de atividades voltadas para aguçar a autonomia dos alunos por meio de problemas, pesquisa e desafios, levando em apreço a aprendizagem como fator individual, social e cultural.

Ainda sobre o conceito de Metodologias Ativas, Berbel afirma que

as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos (BERBEL, 2011, p. 29).

Melhor explicitando, as Metodologias Ativas são procedimentos a partir de situações concretas de aprendizagem, ou seja, um envolvimento mais direto com o objeto de estudo. Em

consonância com Bacich e Moran (2018, p. 39) “Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida”, isto é, o aluno nesse caminho atua como o protagonista do seu conhecimento e o professor como mediador desse método.

Assim sendo, o docente planeja as aulas, cria objetivos claros e estabelece metas a serem cumpridas pelos discentes, mas consciente de que esse conhecimento se dará tanto na escola, quanto fora dela, inclusive por meio da internet.

Essa liberdade para usar recursos midiáticos, especialmente a internet, proporciona aos alunos um espaço, imediato e dinâmico, para sanar dúvidas, acessar diversas fontes de pesquisa, criar reflexões e o que mais for pertinente para agregar informações ao que será construído em sala, além disso, através das redes sociais, o aluno pode consultar o professor sempre que considerar necessário.

[...] o ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica, profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente (MORAN, 2015, p.39).

Isto implica dizer que, o professor planeja atividades personalizadas para que os alunos possam aprender de várias formas. No ensino da Língua Inglesa esse modelo de ensino

trouxe uma grande revolução no processo de aquisição do novo idioma, pois os alunos utilizam todas as suas habilidades aliadas também aos recursos tecnológicos, por meio de projetos, estudo de caso e aprendizagem baseada em problemas.

Segundo Masseto (2003) aprendizagem por projetos é oportunizar que o aluno aprenda a propor o encaminhamento e desenvolvimento de determinada situação, nesse sentido o professor ao sugerir os objetivos a serem atingidos, as etapas da realização do projeto e determinar metas, responsabilidades e recursos que cada aluno deve cumprir, põe o discente para lidar e agir sozinho sendo o agente ativo da aprendizagem. Nessa perspectiva, Metodologias Ativas se tornam mais relevantes quando concatenadas com a vida fora da sala de aula, o aluno percebe-se mais envolto, assim aprende de forma mais direta e significativa.

## **Metodologia**

Esta pesquisa é determinada pelo método conhecido como estudo de caso e é do tipo qualitativa, cuja técnica utilizada é a observação participante, de modo que a amostragem é do tipo não-probabilística por /conveniência. Para fins de organização foi dividida em três partes: 1) Aplicação do termo de consentimento para divulgação de dados e imagens; 2) formulário com perguntas semiabertas disponibilizadas aos participantes por meio do *Google Forms*; 3) levantamento do

referencial teórico em livros de metodologias ativas e ensino de língua inglesa e artigos disponíveis nos sites, especialmente nos periódicos da CAPES e da RELO *Brazil*; 4) Tabulação e análise dos dados (formulário, fotos e projeto de língua inglesa e relatório final do evento).

Fizeram parte da pesquisa alunos do terceiro ano do ensino médio técnico integrado em Agropecuária, que participaram do Evento “Mostra de Línguas, Artes e Literatura” do IFAP Campus Porto Grande como colaboradores na exposição do “Museu Americano de História, Língua, Literatura e Cultura”, nos anos de 2017 e 2018.

Para delimitar a amostra, os alunos dos cursos técnicos subsequentes em Agronegócio e Agroecologia foram excluídos da pesquisa, pois a disciplina de língua inglesa é ofertada no último semestre desses cursos, o que implica dizer que aqueles que participaram em 2017, não puderam participar em 2018. Logo, os alunos de 2018, também formaram e não puderam participar do museu de 2019 (Museu Americano – Literatura Gótica, releitura da obra *Drácula* de Bram Stoker e criação de material autêntico).

Os alunos, ora egressos, foram convidados a participar conforme sua disponibilidade de tempo e dispositivos tecnológicos para preencherem o formulário *on-line* encaminhados por e-mail, cujas perguntas foram estruturadas a fim de verificar se a exposição do Museu Americano proporcionou ao aluno atividades que envolvessem a cultura inglesa, o uso real da língua e contextos de interesse na língua-alvo (os

hobbies, por exemplo). Esta metodologia foi escolhida devido os tempos de pandemia que impossibilitaram instrumentos metodológicos presenciais.

Além disso, foi possível apropriar-se do projeto, de fotos e do relatório final do evento, no qual verifica-se a atuação dos participantes, bem como o parecer sobre a avaliação do público e da comissão organizadora em relação a apresentação dos trabalhos de modo geral.

Ao pensar em educação, logo, todos são remetidos a convicção de que o ensino formal é papel das escolas, pois são instituições privilegiadas, onde encontramos a educação de forma institucionalizada (VALENTE, 2009), no entanto, as escolas desempenham um papel mais amplo, pois são responsáveis por articular as informações que são inicializadas no ambiente familiar e nas vivencias cotidianas.

No entanto, outras instituições apresentam um papel semelhante ao das escolas, são os museus e os teatros, os quais são fontes de ensino, aprendizagem e conhecimento, e embora, de modo geral, não façam parte do ambiente escolar interno, integram-se como extensão da sala de aula e possibilitam que o conhecimento teórico se torne prático ou palpável.

“Sabe-se que a ideia de museu se originou desde tempos muito remotos, em que o homem adquiriu o hábito de colecionar coisas, objetos que lhe conferissem os mais diversos significados e que se tornavam símbolos de sua própria história”. (WAZENKESKI, 2015, p.65)

À medida que o museu cumpre suas funções elementares de conservar e mostrar um patrimônio tangível (tais como monumentos, edifícios históricos, sítios arqueológicos e elementos “naturais” – árvores, cavernas, lagos, montanhas e outros) ou intangível (como músicas, festas e danças populares, lendas e outras tradições que um grupo de indivíduos preserva em relação a sua ancestralidade), também, está gerando efeitos educativos. Nesse sentido, independentemente de contar ou não com um programa específico de atividades pedagógicas, a instituição é em si mesma um meio educativo (VALENTE, 2009).

O “Museu Americano - História, Língua, Literatura e Cultura”, apresentado no evento de ensino e extensão “Mostra de Línguas, Artes e Literaturas”, do IFAP Campus Porto Grande, foi inspirado no filme de comédia e fantasia “Uma Noite no Museu”, lançado em dezembro de 2016, sob a direção de Shawn Levy e roteiro de Ben Garant e Thomas Lennon, famoso pela atuação de Ben Stiller, no papel de um segurança noturno no Museu de História Natural em Nova York, que vê as estátuas de cera e esqueletos de dinossauro ganharem vida.

Para o museu do IFAP - Campus Porto Grande ganhar forma, primeiro os alunos selecionam um tema gerador a partir das opções apresentadas pelo professor. Em seguida, os alunos pesquisam informações sobre o tema e selecionam um item específico para explorar mais profundamente e através do diálogo com o professor acerca das informações encontradas é dado início a sintetização das informações que serão apresentadas aos visitantes do museu.

No entanto, havia alunos que representavam os guias do museu, eles eram responsáveis por ler todos os resumos e criar o seu próprio resumo do contexto histórico e curiosidades sobre as personagens. No dia do evento, à medida que o guia entra em um ambiente, apresentando-o, os alunos já vestidos como personagens ganhavam vida, fazendo apresentação do trecho em inglês e explorando o tema em português.

**Figura 1:** Museu Americano – História, Língua, Cultura e Literatura



**Fonte:** Arquivo dos autores (2017)

Em 2017, os alunos de agronegócio e agropecuária desenvolveram atividades relacionadas a Literatura Inglesa e Americana, com total liberdade para formar seus grupos e escolherem suas temáticas. Conforme ilustração, os monitores usavam a camisa e crachá de identificação do evento, enquanto os outros alunos selecionaram suas personagens, criaram sua fantasia e produziram o ambiente apropriado para sua apresentação. Entre as personagens destacam-se as protagonistas da série “*Once Upon a Time*” (Era uma vez) que faz menção aos clássicos dos contos infantis numa releitura contemporânea.

Aqueles que escolheram retratar a Literatura Inglesa, apropriaram-se das obras de William Shakespeare, “Romeu e Julieta” e “A megera domada”. Enquanto os alunos que

escolheram retratar a Literatura Americana apresentaram o período de colonização dos Estados Unidos, representando as colônias do norte através da obra “A Letra Escarlate” de Nathaniel Hawthorne e as colônias do sul através do filme “12 anos de Escravidão”, que narra a vida de Kunta Kinte, dirigido por Steve McQueen. Também representaram o clássico de John Smith através da versão da Disney “Pocahontas”, fazendo referências aos indígenas americanos.

Quanto ao período revolucionário, os alunos representaram Benjamin Franklin, Abraham Lincoln, Thomas Jefferson, e acrescentaram as figuras de Barack Obama, Donald Trump no cenário da Casa Branca. E para representar o período romântico escolheram a obra “Assassinatos da Rua Morgue” de Edgar Allan Poe, paralelo as características góticas representaram também os filmes “Harry Potter” e “Crepúsculo” com um túnel do terror fazendo menção ao Halloween.

No ano seguinte, novas turmas de subsequente agronegócio e agroecologia uniram-se as turmas de agropecuária para explorarem a temática *Broadway and Hollywood*, inspirado no museu de cera *Madame Tussauds* de Londres.

**Figura 2:** Museu Americano – *Broadway*



**Fonte:** Arquivo dos autores (2018)

Nesta segunda versão do museu americano, os alunos de agropecuária se responsabilizaram por apresentar as personalidades do mundo da música, a ideia principal era levar o público a cerimônia do *Grammy Award*. Cada aluno selecionou um cantor, apresentou a personagem e cantou suas trilhas mais famosas. Os gêneros musicais variaram entre *pop*, *rock*, *rap*, *hip hop* e outros gêneros classificados como *Rhythm and Blues* (R&B).

Os alunos representaram 28 cantores americanos, entre eles: The Beatles, 50 Cent, Jay-Z, Freddie Mercury, 50 Harmony, Amy Winehouse, Jennifer Lopez, Elvis Presley, Will Smith, Michael Jackson, Lady Gaga, Nicki Minaj, Britney Spears, Vanessa Hudgens, Eminem, Akon, Action Bronson, Bruno Mars, Demi Lovato, Rihanna, Sia, Ariana Grande e Katy Perry.

Cada visita nesse ambiente, durava em média 10 minutos, cada guia levava um grupo único de 20 visitantes, no final a despedida era feita com um enorme coral, onde os alunos cantavam juntos um *pot-pourri* das músicas “*Break the Wall*” de Pink Floyd, “*The time of my life*” canção de Bill Medley e Jennifer Warnes e “*My Immortal*” de Evanescence.

O que mais chamou atenção do público nesta segunda versão do museu foi a separação criteriosa dos ambientes, visto que primeiro o guia levava o visitante a uma experiência musical, onde era possível fazer fotos e interagir com as estátuas vivas de celebridades famosas, mas depois eram conduzidos a um ambiente silencioso, pois os alunos faziam a apresentação teatral dos filmes da 2ª Guerra Mundial, neste segundo cenário

era ofertada a oportunidade ao visitante de (re)conhecer os efeitos da guerra, do Nazismo, do Holocausto. Um misto de diversão, reflexão e conhecimento.

**Figura 3:** Museu Americano – Hollywood



**Fonte:** Arquivo dos autores (2018)

Estas fotografias representam os cenários produzidos pelos alunos dos cursos do integrado e subsequentes. Os filmes apresentados pelos alunos do curso subsequente em agroecologia foram: “Olga”, “Fúria – Coração de guerra”, “O diário de Anne Frank” e “A queda: as últimas horas de Hitler”. Enquanto que “O resgate do soldado Ryan”, “O menino do pijama listrado” e “*Pearl Harbor*” foram representados pelos alunos de agronegócio.

Na ocasião, eles apresentavam uma cena enquanto o orador do grupo fazia o resumo do filme e apresentava aspectos da Segunda Guerra. A ideia era levar aos alunos do ensino médio e público em geral informações sobre esse período de maneira lúdica e dinâmica. Além disso, os guias citaram o Museu da Segunda Guerra no município do Amapá-AP, falando sobre a base aérea americana instalada nesse período em nosso estado, devido a posição geográfica estratégica para os militares.

Dessa maneira, é fácil perceber que o projeto do museu americano teve como objetivo proporcionar aos alunos

o momento de reconhecer o que já sabiam acerca das temáticas (conhecimento prévio), buscar por novos conhecimentos através da seleção das personagens (pensamento crítico), estimular a criatividade e a autonomia para aquisição da língua inglesa e da produção dos materiais.

Além disso, torna-se relevante pela sua interdisciplinaridade, uma vez que os alunos puderam recorrer a assuntos também estudados em História, Geografia, Artes, Música, Literatura, de modo a perceber as diferenças e semelhanças entre a sua cultura e as demais e analisar como elas se relacionam até tornar-se intercultural.

Vale frisar que o Ensino Médio possui, entre suas funções, o compromisso com a preparação do aluno para o mercado de trabalho, de modo que este projeto, como bem orientam os PCNs (2000, p. 28), dá ao aluno a oportunidade de distinguir entre variantes linguísticas, escolher o vocábulo que melhor reflita a ideia que pretenda comunicar, compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir, utilizar mecanismos de coerência e coesão na produção da língua oral ou escrita e escolher o registro apropriado para cada situação em que se processa a comunicação.

Para verificar a contribuição do projeto “Museu Americano” para aquisição da língua inglesa foi enviado um e-mail dividido em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e formulário Google Forms com perguntas semiabertas, aos 40 alunos regularmente matriculados no IFAP nas turmas A e B, do curso técnico integrado em Agropecuária, que em 2017

cursaram o 2º ano e em 2018 cursaram o 3º ano do Ensino Médio.

Com o propósito de facilitar a compreensão, as respostas apresentadas pelos alunos serão identificadas como A1, A2, A3 e assim sucessivamente conforme são apresentadas neste artigo, apenas para assegurar o anonimato dos alunos. A saber, 29 alunos participaram da pesquisa, o que corresponde a uma amostra de 72,5% do total de alunos de agropecuária envolvidos no museu americano, o que torna viável a análise qualitativa dos dados, sem comprometer o resultado.

## **Resultados e discussões**

Nesse momento que o inglês assume papel de língua franca, é necessário que os alunos desenvolvam o que Byram (1997) chama de competência comunicativa intercultural, quando afirma que “uma vez que há uma necessidade crescente de lidar de forma eficaz e adequada com a diversidade cultural, os alunos também precisam adquirir competência comunicativa cultural”.

Essa competência comunicativa adquirida é de fundamental importância para o aluno que irá adentrar no mercado de trabalho ou que dará continuidade as suas atividades acadêmicas, seja ele exposto direto ou indiretamente ao uso da língua inglesa, pois foram inseridos em contextos culturais e linguísticos reais de comunicação, tanto pelos vídeos que acessaram na língua alvo, como pelos textos que formularam

para que a mensagem chegasse de maneira clara e o mais compreensível possível para aprendizes da língua em diferentes níveis de fluência.

Berbel (2011) afirma que são muitas as possibilidades de Metodologias Ativas, podendo ser um estudo de caso, como ocorre frequentemente na área da Medicina, Direito, Administração, ou através do método projetos, que visam aproximar a escola da vida real na medida em que afasta a artificialidade de determinados momentos.

É importante mencionar que devido a delimitação de espaço no artigo foi realizado um recorte por amostragem das perguntas e das respostas que irão ilustrar os dados da população, por isso não serão apresentadas todas as perguntas e respostas realizadas no formulário.

Neste sentido, os 29 participantes apontaram que “melhores oportunidades de emprego”, “viagens” e “relações com estrangeiros” são fatores que mais os motivam a aprender inglês. Logo, é possível inferir que a exposição dos alunos às questões culturais nas aulas de língua inglesa tem papel fundamental em capacitá-los para estabelecer as relações pretendidas.

Quando questionados sobre o que eles acharam interessante na atividade do museu americano ainda em 2017, as respostas apontam que os alunos apreciaram a autonomia concedida pelo professor mediador, uma vez que eles próprios puderam solucionar o problema e responder as perguntas inicialmente estabelecidas. Abaixo alguns exemplos:

**Quadro 1:** O que você pode apresentar como mais interessante/importante ter conhecido/aprendido durante a execução do projeto “Museu Americano” (História, Cultura, Língua, Artes e Literatura) em 2017?

ALUNOS	RESPOSTAS
A-1	“Conhecer a cultura, sentir no ambiente um espaço aprimorado em busca de uma apreciação intercultural promotora de conhecimento e expansão de ideias”
A-3	“Os alunos foram mais a fundo, na história na cultura”
A-4	“A sensação de experienciar uma cultura diferente”
A-11	“Interessante ter que estudar para apresentar o Museu”
A-12	“A busca de informações, troca de informações com o público interno e externo”
A-20	“A correlação do pesquisar, entender e informar através de novas formas de ensino-aprendizagem favorecendo maior interação e interesse devido a mudança de ar do “normal” que é dentro de uma sala de aula com o professor explicando, porque a fala e forma lúdica com o outro proporciona a fixação do conteúdo”
A-26	“O aprendizado de uma forma diferente, em que há uma interação tanto da língua como da cultura, e busca ajudar no conhecimento de forma divertida e mais abrangente”

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores (2020)

Segundo Berbel (2011), as Metodologias Ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, que ainda não foram considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor e valorizar essa contribuição, estimula os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento.

É possível perceber que os alunos, de fato, apreenderam a língua inglesa e outros conhecimentos associados, bem como ver esses sentimentos ao qual trata Berbel (2001), quando nas respostas sobre o que acharam interessantes, eles também apresentam que “Existe diversas maneiras para se aprender inglês, Como o projeto museu, que deixa menos entediante a aprendizagem.” (A16), “A forma que envolve o aprendizado de todos.” (A2), “A diversificação do ensino como oportunidade para alunos que têm dificuldade no aprendizado da língua inglesa!” (A7), “Aprendi muitas coisas” (A21), “O conhecimento adquirido” (A22).

Essas opiniões comprovam o conceito de Bastos (2006, p.10) quando afirma que as metodologias ativas são “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema” e o professor cumpre papel de facilitador para que o aluno encontre por ele mesmo o que fazer para atingir os objetivos estabelecidos.

Não diferente, quando os alunos foram questionados sobre o que acharam interessante na versão do museu americano em 2018, da Broadway, eles apresentaram os seguintes relatos:

**Quadro 2:** O que você pode apresentar como mais interessante/importante ter conhecido/aprendido durante a execução do projeto “Museu Americano” (*Hollywood e Broadway*) em 2018?

ALUNOS	RESPOSTAS
A-1	“As várias formas de se apresentar a língua inglesa, por meio da dança, peça musical e vários outros meios”
A-4	“A forma em que os alunos puderam ter um pouquinho dos Estados Unidos aqui mesmo no Brasil e em um espaço tão pequeno como a instituição de ensino foi realmente tudo muito lindo e riquíssimo em conhecimento”
A-8	“A possibilidade de aprender inglês com música e melhorar a pronúncia das palavras.”
A-10	“Interação com a música”
A-12	“Achei muito divertido e uma maneira alternativa de ensinar o inglês. Além de despertar mais o interesse dos alunos”
A-13	“Eu e meus colegas nos caracterizando dos artistas e fazendo um trabalho em grupo, que deu muito certo”
A-14	“Plateia mostrou ter interesse em cada personagem e sua história.”
A-15	“A diversão”
A-17	“Representação de um ponto histórico que temos em nosso estado, que poderia ser um museu a céu aberto da Segunda Guerra Mundial. Infelizmente, é pouco valorizado”.
A-23	“O contato com a cultura”

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores (2020)

De acordo com Silberman (1996), com os métodos ativos, os alunos assimilam maior a quantidade de conteúdo,

memorizam a informação por mais tempo e aproveitam as aulas com mais bom gosto e prazer. Fica evidente, que os alunos de agropecuária, após dois anos da execução do projeto, ainda conseguem recordar e experienciar através de suas lembranças os conhecimentos e, principalmente, as emoções envolvidas durante a produção do museu.

E para Ribeiro (2018), os alunos que vivenciam esse método adquirem mais confiança em suas decisões e na aplicação do conhecimento em situações práticas do dia a dia, melhoraram o relacionamento com os colegas, aprendem a se expressar melhor oralmente e por escrito, bem como adquirem gosto para solucionar problemas e vivenciam situações que requerem tomar decisões por si só, reforçando, assim, autonomia no pensar e no agir.

Mas, é preciso estabelecer o que os alunos aprenderam em relação a língua inglesa durante a execução desse projeto em 2017 e 2018 respectivamente. Então, quando indagados sobre o que conseguiram aprender através das aulas de língua inglesa, citaram aspectos de cultura, gramática, leitura instrumental, conversação, variantes linguísticas, tais como:

**Quadro 3:** O que você conseguiu aprender através das aulas de língua inglesa?

ALUNOS	RESPOSTAS
A-3	“Conseguir absorver um pouco do idioma e algumas práticas de conversação. Com a professora em sala de aula falando inglês, consegui melhorar meu listening, além de adquirir alguns vocabulários.”
A-4	“Leitura, e produção textual.”

A-10	“Assimilo melhor o que é dito em conversações, textos, músicas, e o mais importante no momento que é fazer redações através de textos em inglês ou resumos a partir de textos, e mesmo sem saber o inglês básico por completo conseguir identificar assuntos tratados em textos mais complexos.”
A-11	“Simple past, verbs, dias da semana, cores, frutas, animais, expressões formação de frases, pronúncia e cultura geral.”
A-15	“Pude aprender um pouco mais da cultura Norte Americana e muitos termos usando por nativos dos EUA”
A-19	“Comunicação básica; compreensão de textos através da leitura de poucas palavras; um pouco da gramática do inglês.”
A-23	“Consegui aprender novas palavras em inglês e pronuncia-las (melhora de vocabulário).”
A-26	“Junto ao conjunto de atividades, aulas e eventos, compreendi de forma geral a língua inglesa. Hoje consigo mesmo com dificuldade ter uma compreensão de muitos vocábulos da língua inglesa, não só isso, mas também compreendi e tive entendimento de boa parte da cultura.”

**Fonte:** Quadro elaborado pelos autores (2020)

Ensinar Inglês como uma língua internacional significa incluir uma variedade de materiais culturais, posto que uma língua global é uma língua falada em vários países ao redor do mundo. McKay (2002) identifica três tipos de materiais culturais: 1) Materiais de Cultura Fonte, utiliza sua própria cultura como conteúdo; 2) Materiais da cultura

alvo, utiliza a cultura de países onde o inglês é falado como primeira língua; e 3) Materiais de cultura internacional, utiliza uma variedade de culturas em países de língua inglesa ou não inglesa em todo mundo.

Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também muito mais sobre a sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação.” PCN, (2000. p.30)

Isso implica dizer que o projeto do museu deu acesso ao aluno, principalmente a cultura inglesa, mas o levou a pensar sobre aspectos da própria cultura brasileira, como por exemplo os eventos em que se usa fantasias no Brasil – Carnaval, Dia das Crianças; as diferenças culturais entre os nossos indígenas e os indígenas americanos – costumes, vestimentas; as semelhanças entre a colonização do Brasil e as colônias do sul dos Estados Unidos – a escravidão, o preconceito racial – entre outros aspectos de intercultural.

Também oportunizou a reflexão sobre o período da Segunda Guerra Mundial, onde os alunos acessaram, direta ou indiretamente, outras culturas envolvidas, tais como japonesa (ataque de Pearl Harbor), alemã (a queda do muro de Berlim),

rusa (Guerra Fria e União Soviética - URSS).

Além disso, a maioria dos alunos citou que gostariam de ter estudado mais profundamente a cultura japonesa, hispano-americana, africana, mas também tiveram alunos interessados em conhecer a cultura francesa, indígena, indiana, sueca e irlandesa. Para Tomalin (2008), o papel internacional da língua Inglesa e a globalização são dois principais motivos para ensinar cultura como quinta habilidade da língua, além de ouvir, falar, ler e escrever, pois, “envolve entender como usar a linguagem para aceitar as diferenças, ser flexível e tolerante com as maneiras de fazer coisas que podem ser diferentes das suas. É uma mudança de atitude que se expressa através da linguagem.”.

Desta forma, entende-se que o ensino de Língua Inglesa se presta, sobretudo, ao enfoque do ensino de cultura, sendo de extrema importância elaborar o planejamento de aulas, preferencialmente com metodologias ativas, que agregam essas temáticas, com objetivo de tornar o aluno consciente, crítico e transformador da sua realidade.

### **Considerações finais**

Apesar do contato cotidiano com a língua inglesa, através de músicas, filmes e séries, os alunos, no evento “Mostra de Língua, Artes e Literatura”, presenciaram a cultura americana e fizeram uso da língua de maneira independente. Além de adquirirem conhecimentos afins,

eles dramatizaram personagens célebres norte-americanos e ingleses, cujos papéis sociais marcaram a História, a Cultura, a Arte ou a Literatura.

Além disso, a construção do conhecimento, apenas mediado pelo professor, estimulou o aluno a pesquisar, criar e apresentar os dados encontrados da maneira que melhor conseguiu ajustar as suas competências e habilidades, visto que pode levar em consideração a sua fluência, o tempo dedicado para construir o texto, a apresentação e a caracterização do personagem e do ambiente.

E por meio das respostas obtidas é possível comprovar que o método ativo aumentou o interesse e participação dos alunos na aprendizagem da língua inglesa, bem como estimulou a criatividade e a autonomia para resolução de problemas. Também, tornou a aprendizagem da língua estrangeira efetiva e duradoura, o que tem permitido ao aluno adaptar o conhecimento adquirido para outros contextos de uso da língua.

Por fim, o ensino de inglês em consonância com o evento proporcionou aos alunos o desenvolvimento de uma consciência intercultural e equipou os alunos com habilidades comunicativas, preparando-os para o mundo globalizado e o mercado de trabalho da região, onde possa promover o acesso à informação – mais atualizada, a mão-de-obra qualificada e o crescimento econômico.

## Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. São Paulo: Penso, 2018.

BASTOS, Celso da Cunha. Metodologias Ativas. **Educação & Medicina**, 2006. Disponível em <<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>. Acesso em 08 de dezembro de 2020.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Seminário: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BORGES, T. S.; ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, ano 3, n. 4, p. 119-143, jul./ago. 2014.

BRASIL, Parâmetro Nacionais Curriculares – Terceiro E Quarto Ciclos Do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL, Parâmetro Nacionais Curriculares (Ensino Médio): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MECSEF, 2000.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Disponível em << [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em <<<http://www.planalto.gov.br/>>>

ccivil\_03/\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm>>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

BYRAM, Michael. **Teaching and assessing intercultural communicative competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

CHAVES, Carla. **O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil: para inglês ver ou para valer?** 2004. Monografia (curso em Especialização em Educação Infantil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, p.3,1998. Disponível em: <<<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf>>>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

FARIAS, Déborah Barros Leal. O Brasil e o CARICOM. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 43, n. 1, p. 43-68, 2000.

FONSECA, Ana Lúcia Simões Borges, Inglês: A Língua Da Internacionalização. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 4, n. 2, p. 23-32, 29 fev. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GARCEZ, P. M. Point-making styles in cross-cultural business negotiation: A microethnographic study. **English for Specific Purposes**, 12(2), 103-120. 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

IRVING, Marta de Azevedo. Parque Nacional Montanhas De Tumucumaque (Ap-Brasil): “Ultraperiferia” Ou “Laboratório” Para A Cooperação Em Gestão Da Biodiversidade Nos Espaços Amazônicos De Fronteira?.RDE - **Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 6, n. 10, 2007.

KRAMSCH, Claire. **Language and Culture**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1998.

LIDDICOAT, Anthony J. *et al.* **Report on intercultural language learning**. Canberra ACT: Commonwealth of Australia, 2003.

LIMA, Gislaíne P.; QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil. In: **VI SEPECH** Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p. 1-7. Disponível em: <<<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/GislaínePLima.pdf>>>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

MASSETO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica para o professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MCKAY, Sandra Lee. **Teaching English as an International Language: rethinking goals and approaches**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MOACYR, Primitivo. **A Instrução e o Império: (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1823-1853**. 1º vol. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito chave para a educação. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo et al. A aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma implementação na educação em engenharia na voz dos atores. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 27, n. 2, p. 23-32, 2008.

SILBERMAN, Mel. **Active learning: 101 strategies do teach any subject**. Massachusetts: Ed. Allyn and Bacon, 1996.

SILVA, José Maria da. Acidade de Oiapoque e as relações transnacionais na fronteira Amapá-Guiana Francesa. **História Revista**, v. 10, n. 2, p. 4, 2005.

THOMAS, Jenny. **Cross-cultural pragmatic failure**. **Applied Linguistics**, vol. 4. ed. 2. Summer, 1983. 91-112. Disponível em <<<https://academic.oup.com/applij/article-abstract/4/2/91/167524?redirectedFrom=fulltext>>>. Acesso em 04 de janeiro de 2021.

TOMALIN, Barry. Culture: The fifth language skill, **British Council**, 2008. Disponível em <<<http://www.teachingenglish.org.uk/think/articles/culture-fifth-language-skill>>>. Acesso em 29 de novembro de 2020.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. In: **MAST Colloquia**, v 11, p.